

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Professor quer indenização de pais

Ele diz que foi xingado e agredido por aluna de 17 anos. Agora vai acionar a Justiça para que os pais paguem pela atitude da filha

Aline Nunes
Eliane Proscholdt

Depois de ser xingado e agredido na sala de aula, um professor decidiu entrar na Justiça e pedir indenização aos pais de uma aluna de 17 anos.

A agressão, ocorrida há cerca de oito meses, teve início depois que o professor chamou a atenção da estudante, já que ela estava falando alto durante a aula e atrapalhando o aprendizado dos colegas.

O professor, que tem mais de 10 anos de profissão e é efetivo, disse para a aluna se comportar "como ser humano", pois não tinha como dar aula daquele jeito.

Em um momento de fúria, a adolescente começou a gritar e xingar, chamando o professor de

burro, jumento e ignorante.

Insatisfeita, ela pegou uma cadeira e lançou em cima do professor, que ficou com hematomas.

Diante do ocorrido, o professor procurou o advogado Hahnemann Doellinger Costa, que junta provas para entrar com a ação na Justiça.

"Ele estava muito triste, com autoestima baixa e sensação de impotência", contou.

O advogado não divulgou o nome do seu cliente e nem a escola onde tudo aconteceu. Disse apenas que foi numa instituição de ensino da rede pública da Grande Vitória.

"O professor se sentiu ameaçado e, como a aluna é menor de idade, quem deve responder pelos seus atos são seus pais", destacou o advogado.

E completou: "A educação começa em casa. Realmente o que se vê hoje são crianças e adolescentes que perderam a noção de limites e respeito pelas autoridades. O professor é autoridade máxima em sala de aula".

A ação deverá ser ajuizada até o mês que vem, na Justiça comum, já que o pedido de indenização de-



verá ser superior a 40 salários mínimos (R\$ 20.400).

O advogado explicou que ainda não sabe qual o valor exato que irá sugerir na ação, já que primeiro é

preciso analisar a gravidade do caso, com base nas provas contidas nos autos do processo.

"Estamos esperando os laudos e outras provas que serão apresen-

tadas pelo meu cliente. Mas vamos pedir o arbitramento do juiz, que irá analisar o dano, o constrangimento e proferir sua sentença", afirmou.

Aluno pode ser responsabilizado

A Justiça alerta: alunos também poderão ser punidos com advertência, liberdade assistida (em regime aberto), prestação de serviço à comunidade e internação, conforme a gravidade da agressão.

Janete Pantaleão, juíza titular da 2ª Vara da Infância e Juventude da Serra, disse que, paralelo a isso, a vítima pode acionar o responsável pelo adolescente cobrando o prejuízo por danos morais.

Mas ela entende que, antes de procurar a Justiça, o conflito deve ser resolvido no âmbito da administração escolar.

"Essa transferência de autoridade para outra esfera deixa professor e diretor fragilizados. Mas a vítima tem a liberdade de acionar a Justiça diante de um abalo emocional", observou a magistrada.

O delegado Wellington de Souza Lugão, da Delegacia do Adolescente em Conflito com a Lei (Dea-



MARCELO ANDRADE/AT

DELEGADO Wellington de Souza Lugão diz que os educadores devem denunciar casos à polícia

cle), disse que nem todas as vítimas procuram a polícia para denunciar, em decorrência do medo.

No entanto, ele afirma que os educadores não podem se calar e devem denunciar as agressões.

Por mês, são denunciados entre dois e três casos. Um deles é de uma diretora, de 36 anos, da rede

pública de Cariacica, ocorrido em agosto de 2010.

O agressor foi um aluno de 13 anos, que a agrediu com socos, pontapés e chutes. A diretora ficou com hematomas no rosto, braço e mama. Ela também foi atingida por uma cadeira e teve um corte de 9 centímetros na perna.

ENTREVISTA PROFESSOR DE 51 ANOS Punidos por difamação

Há dois anos, um outro professor, que hoje tem 51 anos, recorreu à Justiça depois que um vídeo com cenas de sexo explícito na internet foi espalhado por alunos de uma escola particular de Vila Velha, pelo celular, como se fosse dele.

No vídeo, um casal mantém relação sexual. O homem que aparece na imagem é bem parecido com o professor.

O profissional, que pediu para não ser identificado, contou ontem que preferiu não ter acesso ao processo, mas soube que os alunos foram punidos com prestação de serviço à comunidade.

Na ocasião, o caso foi publicado em A Tribuna.

A TRIBUNA - Como descreve tudo o que passou?

PROFESSOR - Não tenho dúvida de que foi uma brincadeira isolada e inconsequente.

> Apenas um aluno foi apontado como culpado?

O crime não é só de quem leva e promove uma notícia dessa. Pegaram uma imagem da TV, um menino fotografou e levou para a escola. Aqueles que repassaram também são culpados. Não acompanhei os autos, mas soube que eles receberam uma penalidade edu-

cativa, prestação de serviço.

> Eles te pediram desculpas?

Não tive mais conversa até porque não eram meus alunos. Mas muitos acham que basta um pedido de desculpa e está tudo bem. A vida não é assim. Viver em sociedade é um pouco mais complexo.

> Pediu indenização?

Não. Na minha opinião, encaminhar o caso à Justiça é uma questão de cidadania e respeito. Não adianta a escola ensinar só a Ciência. Ela deve formar o cidadão a viver bem em sociedade.

Escola tem um papel crucial na formação da cidadania. Desculpa é pouco.

> Nesse caso, acha que a justiça foi feita?

A gente vive em um País onde se tem a sensação de que a justiça nunca é feita, que as penalidades não acontecem. Nossas crianças e adolescentes têm de perceber que existem regras que precisam ser cumpridas para viver em sociedade. O professor e qualquer cidadão tem que ter os seus direitos respeitados. Acredito que se fez justiça.

> O senhor foi afastado na ocasião. E agora, con

Hoje continuo dando aula, na mesma empresa. Foi um caso isolado na minha carreira.

O QUE ELES DIZEM



“Se as famílias não colocam limites, o Poder Judiciário será obrigado a agir. Sem dúvida, o professor não deve se calar”

CARLOS EDUARDO RIBEIRO LEMOS, juiz da Vara de Execução de Penas Alternativas



“Entendo que, antes de procurar a Justiça, essas questões devem ser resolvidas no âmbito da administração da escola”

JANETE PANTALEÃO, juíza da 2ª Vara da Infância e Juventude da Serra



“Essa condição do professor tentar uma indenização é válida, e quem responde por isso são os pais, quando o filho é menor”

PAULO LUPPI, juiz da Vara da Infância e Juventude de Vitória

Reportagem Especial

CASOS DE AGRESSÃO

Tráfico e ameaça de morte

Dois professores foram ameaçados de morte por um aluno, numa escola da região de Goiabeiras, em Vitória.

Eles abordaram o estudante junto ao muro do colégio para saber por que o menino

estava naquele local, em vez da sala. Segundo Marcelo Castro, do sindicato dos professores, o garoto, revoltado, fez ameaças. Depois, os professores constataram que ele passava drogas pelo muro.



Cadeira arremessada por aluno

Outro caso que chegou ao sindicato dos professores refere-se a um professor de uma escola na região de Porto de Santana, em Cariacica, agredido com uma cadeira. Após aplicar uma prova de Geografia numa turma da 7ª série, o

professor foi repassar o resultado da avaliação. "Quando entregou a prova ao aluno, ele ficou tão insatisfeito que nem mesmo questionou ou discutiu. Pegou a cadeira e tacou no professor", contou Marcelo Castro, diretor do sindicato.



Pai de estudante entra na confusão

O pai de um aluno invadiu uma escola da rede estadual, na região de Porto Canoa, no município da Serra, para tomar satisfações com outro estudante com quem seu filho havia se desentendido.

Na tentativa de impedir que o aluno fosse agredido, um professor entrou no meio e acabou apanhando do pai do outro estudante, segundo contou Marcelo Castro, diretor jurídico do sindicato dos professores.

Pistola dentro da mochila

Na semana passada, um adolescente de 13 anos foi detido numa escola da rede municipal de Vitória, na rua, na região e estuda, e que

não pretendia utilizá-la. Mas, segundo o diretor do sindicato dos professores, Marcelo Castro, denúncias de que o menino tinha uma arma na instituição e, inclusive, a munição picotada seria por já ter tentado usar a arma.

VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Justiça analisa 22 casos de conflitos e ameaças

ADRIANO HORTA/AT

O caso do professor se soma a pelo menos outros 22 que estão em tramitação na Justiça, motivados por agressões, ofensas e ameaças de morte a educadores em escolas da rede pública, na Grande Vitória.

O diretor jurídico Marcelo Castro, do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo (Sindiupes), disse que a entidade acompanha essas ações.

"Temos hoje 22 casos graves, de alunos que agrediram professores e corpo técnico (pedagogos, orientadores). Em 99% deles, esses estudantes estão envolvidos com gangues, drogas ou grupos que praticam furtos e outros pequenos delitos", revelou Castro.

Segundo o diretor da entidade, é a clientela com esse perfil de conflitos que acaba sendo levada à Justiça.

"O objetivo do professor, quando ingressa com uma ação, é garantir o seu direito de trabalho, já que a vida dele fica ameaçada. Mas, se são dadas garantias pela família ou responsáveis pelo aluno, em geral acontecem acordos", comentou.

No entanto, Marcelo Castro falou que há situações que se tornam insustentáveis e obrigam o educador a deixar a escola. Alguns solicitam transferência para nova unidade. Outros, em condições mais graves, pedem para sair da rede.

"No final de 2010, dois professores pediram exoneração", contou.

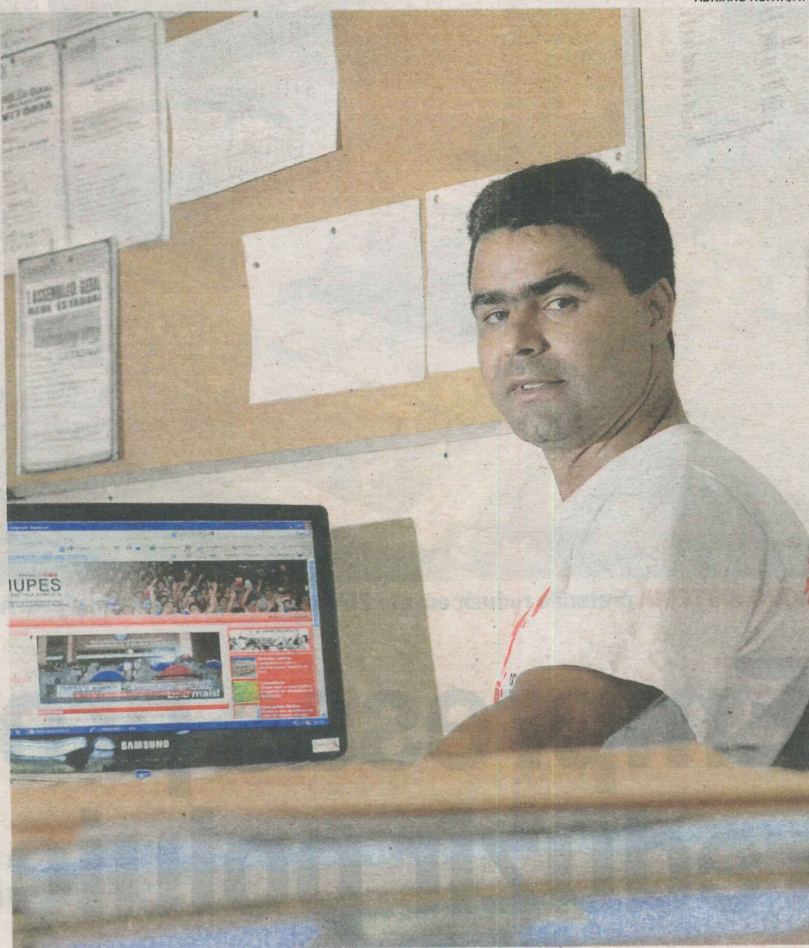
Conhecer aluno é dica

Para especialistas em educação, há meios de evitar os conflitos em sala de aula ou, pelo menos, reduzir as ocorrências. Uma das iniciativas deve ser dos professores: conhecer seus alunos.

Na opinião da psicopedagoga Mariângela Macedo, os professores nem sempre estão bem informados sobre os estudantes em sala de aula: suas características, se têm déficits de aprendizado, transtornos de conduta.

"Às vezes, chega um laudo para a escola e o professor nem toma conhecimento. É importante que o professor seja informado para saber lidar com cada aluno."

Mariângela falou que é importante que os professores também conheçam as fases do desenvolvi-



MARCELO CASTRO diz que professor entra com ação para poder trabalhar

Por vezes, o problema é dentro da escola, mas também há dificuldades pela região onde o colégio está situado. "Os professores não se queixam, por exemplo, da dificuldade de acesso, mas da clientela do entorno, que também gera problemas", concluiu.

Treinamento, punições e parcerias para lidar com brigas

Prefeituras e Estado buscam mecanismos para resolver os eventuais conflitos dentro da própria escola.

Na rede estadual, foi implementado o curso de Negociação e Habilidades para o Diálogo. Profissionais de 65 escolas da Grande Vitória já foram treinados para lidar com situações de conflito.

Cariacica também prioriza o trabalho dentro das escolas, assim como Vila Velha, onde o regimento prevê de advertência à transferência compulsória, conforme a atitude do aluno.

A secretária de Educação de Vitória, Vania Carvalho, destacou que o primeiro passo é tentar resolver o conflito internamente, mas ela também ressalta a ação em parceria com outras secretarias, como a de Segurança, em situações mais críticas, como o tráfico.

OPINIÕES DE ESPECIALISTAS

DIVULGAÇÃO



MARIÂNGELA MACEDO, psicopedagoga

“O professor deveria conhecer um pouco melhor cada aluno, antes de rotular como rebelde, sem limites, atrevido”

JULIA TERAYAMA - 29/05/2008



PENHA PETERLI, psicopedagoga

“Quando acontece uma agressão a um professor, seja ela física ou verbal, deve-se, primeiro, tentar resolver dentro da escola”

KADIDJA FERNANDES - 25/04/2010



MARIA JOSÉ CERUTTI NOVAES, pedagoga

“O aluno tem de respeitar o professor e também os outros colegas, pois a escola é um espaço de educação”